

ESTIGMA, OFERTA DE TRABALHO E FORMAÇÃO DE CAPITAL HUMANO: EVIDÊNCIAS PARA BENEFICIÁRIOS DE PROGRAMAS DE TRANSFERÊNCIA NO BRASIL

Enlinson Mattos*

Vladimir Ponczek**

Este artigo investiga a relação entre estigma e as decisões econômicas dos indivíduos beneficiados por algum programa de transferência federal. Estigma é definido como a desutilidade resultante de se participar de algum programa de transferência. Em particular, estima-se que o estigma está negativamente associado ao desemprego dentro da família entre os adultos e com uma assiduidade escolar maior e mais anos de estudo entre as crianças. Este artigo reforça a necessidade de mais estudos sobre o tema para que se possam identificar relações causais entre as variáveis de forma a debater com o resultado seminal de Moffit (1983) que sugere que o estigma reduz o número de horas trabalhadas.

1 INTRODUÇÃO

A literatura acerca do efeito estigma, na área de ciências sociais aplicadas, tem crescido acentuadamente nas últimas décadas.¹ Moffit (1983) argumenta, baseado em elevados índices de não participação do programa de transferência *Aid to Families with Dependent Children* (AFDC)² nos Estados Unidos, que os indivíduos podem sofrer estigma. Ou seja, podem apresentar desutilidade em participar de algum tipo de transferência de renda, o que explicaria o comportamento aparentemente irracional das pessoas que rejeitam ofertas de renda, em particular pessoas que se neguem a participar de programas de transferência. O autor ainda apresenta e testa um modelo teórico no qual os agentes podem ter desutilidade não somente ao participarem do programa, mas também com o tamanho do benefício. Com isto, pretende identificar, adicionalmente, se os agentes diferenciam renda dependendo da sua origem.

Em contraste, este trabalho busca investigar a relação entre o efeito estigma sobre decisões de emprego e frequência escolar somente nas famílias que participam de algum programa de transferência de renda. Consegue-se com isto eliminar o

* Professor adjunto do Centro de Estudos de Política e Economia do Setor Público (CEPESP)/Escola de Economia de São Paulo (EESP) e da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

** Professor adjunto do Centro de Microeconomia Aplicada (C-Micro)/EESP e da FGV.

1. Estudos sobre o efeito do estigma nas áreas de ciências sociais aplicadas variam, por exemplo, desde incontinência urinária (SHELDON e CALDWELL, 1994) a lepra (OPALA e BOYLLOT, 1996), ou doença mental (ANGERMEYER e MATSHINGINGER, 1994; PHELAN *et al.*, 2000). Link e Phelan (2001) sugerem características que definiriam sociologicamente o conceito de estigma.

2. AFDC é um programa implementado nos Estados Unidos a partir de 1935 com objetivo de prover assistência financeira a famílias de baixa renda com crianças.

efeito sobre a decisão de participar ou não do programa e foca-se no caso em que a desutilidade surge por já estar participando no programa. As estimações sugerem que famílias cujo recipiente legal do benefício se sentiu estigmatizado tendem a procurar emprego, a reduzir a probabilidade de estar desempregado, e as crianças dessas famílias apresentam maior assiduidade escolar e mais anos de estudo comparativamente àqueles que recebem o benefício e não se sentem estigmatizados. Esses resultados contrastam quando comparados aos de Moffit (1983) e Calvo-Armengo e Jackson (1994), que apresentam efeitos negativos do estigma na oferta de trabalho e nas relações interpessoais dos indivíduos, respectivamente.³

Em princípio, nossa análise não permite isolar possíveis relações de causalidade entre estigma e as variáveis de interesse. A relação causal direta do efeito estigma sobre emprego e escolaridade existe caso os agentes econômicos mudem seu comportamento em relação a essas variáveis pelo fato de se sentirem estigmatizados. Por outro lado, é possível que a correlação entre o estigma e as variáveis se dê via heterogeneidade dos agentes. Por exemplo, é possível que indivíduos com melhor *status* socioeconômico apresentem uma acumulação maior de capital humano e menor taxa de desemprego. Caso esses indivíduos se sintam mais estigmatizados por não se verem como beneficiários, o estimador da variável estigma não capturaria o efeito direto do estigma em relação a estas variáveis. Ou seja, estigma não induziria a mudanças comportamentais dos indivíduos. Nesse caso, teríamos um estimador viesado para um parâmetro que relacionasse um efeito causal entre o estigma e o esforço na procura de emprego, por exemplo. O sinal do viés depende da relação entre este esforço, o sentimento de constrangimento e as variáveis de interesse. Mais especificamente, numa situação em que pessoas que se sintam mais estigmatizadas sejam mais esforçadas (efeito idiossincrático) e trabalhem mais independentes do estigma, o valor estimado do parâmetro de interesse seria positivamente viesado (em valores absolutos). É possível também que pessoas que se esforçam menos se sintam mais constrangidas; neste caso, subestimaríamos o valor verdadeiro do parâmetro.

No entanto, dois pontos merecem consideração. Primeiro, independentemente de a correlação entre estigma e as variáveis de interesse (oferta de trabalho e formação de capital humano) ser causal, esta associação encontrada explícita que indivíduos que se sentem estigmatizados são os mais esforçados e, portanto, mais hábeis para saírem da situação de dependência. Isto reforça a importância desta relação para formulação de políticas públicas. Segundo, a relação estimada é fortemente significativa e (provavelmente) continuaria sendo caso a variável que

3. Ainda, Wasgrove (1987) aponta o estigma como uma possível explicação para se estar desempregado e Page (1984) evidencia que, devido ao estigma, as pessoas podem perpetuar sua dependência do programa assistencialista a que estão vinculadas. Vishwanath (1989) aponta o estigma como um fator negativo para escapar do desemprego.

captura o efeito individual pudesse ser identificada, pois isso reduziria a variância das estimações.⁴

Handlert e Hollingsworth (1969) apontam que as políticas assistencialistas no século XIX tinham como objetivo deliberado envergonhar aqueles que procuram o benefício em vez de procurar trabalho. Os resultados do nosso trabalho podem ser vistos como uma possível implicação desse constrangimento. Isso decorre do fato de que famílias que, em algum momento, se sentiram estigmatizadas adotam comportamento que visam a retirá-las da situação de dependência econômica, seja por maior procura por empregos, por evitar ficar desempregado ou mesmo por apresentar crianças com maior assiduidade escolar. Pode-se depreender que a atual situação de dependência associada ao estigma leva essas famílias a querer mudar a situação. Não se pode dizer se tal resposta comportamental se deve à discriminação, à vergonha ou a qualquer outro aspecto que caracteriza o estigma, porém os resultados mostram que existe uma relação desses aspectos combinados com a decisão dos indivíduos a respeito da oferta de trabalho e da formação de capital humano.

O trabalho está dividido em três seções além desta introdução. A próxima seção discute os dados enquanto a seção 3 oferece o modelo empírico estimado. A última seção conclui o trabalho.

2 DADOS

Os dados utilizados pertencem à pesquisa domiciliar com os beneficiários do Programa Bolsa Família (PBF) coletados entre 10 de setembro a 4 de outubro de 2005 pelo Instituto Polis a pedido do Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) sob o número CIS 0166. Foram entrevistados 2.317 domicílios sendo 400 nas regiões Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Norte e 717 no Nordeste. O número total de indivíduos na amostra é 10.170. A amostragem foi feita por estratificação. Primeiro foram selecionados 86 municípios estratificados por região. Pela lista de beneficiários fornecida pelo MDS, selecionaram-se aleatoriamente as famílias entrevistadas em cada município, já prevendo famílias substitutas nos casos em que a entrevista não pudesse ser realizada.⁵

A pesquisa contém dados referentes a participantes de todas as modalidades que foram incorporados ao PBF (Bolsa Escola, Bolsa Alimentação, Renda Mínima, Auxílio Gás, Cartão Cidadão, Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). Esta pesquisa disponibiliza dados sobre características demográficas e socioeconômicas

4. A principal restrição para identificar a causalidade neste trabalho se deve à base de dados usada. Apesar de permitir a observação do efeito estigma, os dados não identificam a família, o município, nem o estado de origem dos beneficiários como explicado na próxima seção.

5. Principais motivos para substituição foram: mudança de endereço, recusas, morte ou o responsável legal não ter sido encontrado após dois retornos. Para maiores detalhes sobre a pesquisa, ver Mesquita (2007).

das famílias beneficiadas, tais como idade, sexo, raça, região, estado civil, situação no mercado de trabalho, formação de capital humano (escolaridade das crianças, frequência escolar e assiduidade escolar)⁶ etc. No entanto, não conseguimos identificar a unidade familiar, o estado de residência, nem quem respondeu ao questionário. Além disso, ela possui informação sobre a percepção que o entrevistado tem da importância do programa de transferência, do próprio futuro e se ele considera constrangedor o fato de ser beneficiário do PBF. Esta última informação é usada para definirmos a existência de estigma ou não por parte do entrevistado.

A pesquisa não traz informação sobre o número de horas trabalhadas, porém temos informações sobre participação no mercado de trabalho e procura por emprego. O banco de dados disponibiliza informação detalhada a respeito da situação ocupacional do indivíduo, em particular se este se encontra empregado, aposentado, desempregado, inativo (não trabalha) etc. No entanto, ao analisarmos os dados percebemos que muitos indivíduos declarados como desempregados não estavam procurando emprego (40,61%) e pessoas que foram declaradas como inativas estavam procurando emprego (17,24%). Isto sugere que ao responder ao questionário muitos indivíduos ignoravam o conceito oficial da Organização Internacional do Trabalho (OIT) de desocupação.⁷ Devido a isso, optamos por estimar o efeito estigma sobre a probabilidade conjunta de o indivíduo estar desocupado ou inativo. Podemos também testar o impacto do estigma envolvendo decisões acerca de lazer e consumo intrafamiliar, uma vez que temos informação sobre a perda ou conquista de emprego de algum membro da família após o início do recebimento do PBF. Também não temos informação sobre salário (renda proveniente do trabalho) ou outras rendas não provenientes do trabalho. Nesse caso, usaremos em algumas especificações empíricas a renda total da família e o valor da transferência advinda do PBF como *proxies* para salários e outras fontes de renda.

As tabelas 1A e 1B apresentam as descrições das variáveis para os dois grupos (estigmatizado e não estigmatizado) e para o total dos beneficiários. O painel superior mostra as estatísticas para pessoas entre 16 e 60 anos de idade (tabela 1A, 5.778 indivíduos) e o painel inferior para crianças entre 7 e 14 anos de idade (tabela 1B, 2.738 crianças).

Na tabela 1A, deparamos, incondicionalmente, com alguns dos principais resultados encontrados neste artigo. A proporção de desocupados/inativos entre os estigmatizados é inferior à proporção dos que não são estigmatizados – quase 10 pontos

6. Como matrícula na escola é um dos pré-requisitos do programa, praticamente todas as crianças estão matriculadas e frequentam a escola, não sendo possível mensurar o efeito do estigma sobre esta variável.

7. Critérios para classificar as pessoas como desocupadas no período de referência segundo a 13ª Conferência Internacional das Estatísticas de Trabalho (CIET/OIT) de 1982: estar sem trabalho no período; estar disponível para trabalhar no período; e ter procurado trabalho em um período especificado.

percentuais (p.p.). Esta elevada diferença também ocorre no percentual de famílias que tiveram algum membro que perdeu o emprego após o recebimento do benefício (27,7% *versus* 41,4%). Sentem-se ainda mais estigmatizados aqueles com maior escolaridade (a média é de 8,2 para os estigmatizados *versus* 6,5 para os não estigmatizados). Por outro lado, a proporção de estigmatizados cujos membros da família estavam desocupados/inativos e arrumaram emprego é menor, proporcionalmente em relação aos não estigmatizados (7% *versus* 10,7%) e menos famílias estigmatizadas procuraram emprego (23,7 *versus* 30,6%, respectivamente), após o início do recebimento do benefício.

TABELA 1A
Estatísticas descritivas para amostra de jovens e adultos – idade entre 16 e 60 anos

	Total		Com estigma		Sem estigma	
	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão
Desempregado (%)	43,2	0,495	34,5	0,476	44,3	0,497
Alguém na família perdeu emprego (%)	40,0	0,490	27,7	0,448	41,4	0,493
Alguém na família encontrou emprego (%)	10,3	0,304	7,0	0,255	10,7	0,309
Procurou emprego (%)	29,9	0,458	23,7	0,425	30,6	0,461
Anos de escolaridade	6,7	3,1	8,2	2,4	6,5	3,123
Idade	32,5	10,5	31,5	8,8	32,7	10,628
Renda da família	377,8	150,0	390,0	90,9	376,4	155,386
Homens (%)	44,4	0,497	42,0	0,494	44,6	0,497
Branco (%)	32,9	0,470	25,2	0,434	33,8	0,473
Norte (%)	17,8	0,383	7,0	0,255	19,1	0,393
Nordeste (%)	32,3	0,468	39,2	0,489	31,5	0,465
Sudeste (%)	18,0	0,384	31,0	0,463	16,5	0,371
Sul (%)	15,7	0,364	7,7	0,266	16,6	0,372
Centro-Oeste (%)	16,2	0,368	15,2	0,359	16,3	0,369
Acha PBF importante (%)	97,2	0,165	91,8	0,274	97,8	0,146
Bem tratados ao receber PBF (%)	84,7	0,360	78,2	0,413	85,4	0,353
Pessimistas (%)	2,4	0,152	2,6	0,158	2,4	0,152
Estigmatizadas (%)	10,4	0,305	100,0	0,000	0,0	0,000

Fonte: CIS 0166. Elaborada pelos autores.

TABELA 1B

Estatísticas descritivas para amostra de crianças – idade entre 7 e 14 anos

	Total		Com estigma		Sem estigma	
	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão	Média	Desvio-padrão
Assiduidade escolar – dias da semana	4,82	0,603	4,949	0,379	4,807	0,620
Anos de escolaridade	3,906	1,901	4,273	1,702	3,868	1,916
Idade	10,585	2,116	10,793	1,980	10,564	2,128
Homens (%)	47,25	0,499	34,77	0,477	48,52	0,500
Branco (%)	32,89	0,470	25,78	0,438	33,61	0,472
Norte (%)	19,86	0,399	8,98	0,287	20,96	0,407
Nordeste (%)	27,50	0,447	37,11	0,484	26,53	0,442
Sudeste (%)	18,64	0,389	28,13	0,450	17,67	0,382
Sul (%)	18,71	0,390	10,94	0,313	19,49	0,396
Centro-Oeste (%)	15,30	0,360	14,84	0,356	15,34	0,360
Acha PBF importante (%)	97,77	0,148	92,19	0,269	98,34	0,128
Bem tratados ao receber PBF (%)	87,06	0,336	78,13	0,414	87,96	0,325
Pessimistas (%)	2,16	0,145	1,59	0,125	2,22	0,147
Estigmatizadas (%)	9,19	0,289	100,0	0,000	0,0	0,000

Fonte: CIS 0166. Elaborada pelos autores.

A variável *idade* é similar entre os grupos, e a proporção de homens e de brancos é menor entre os estigmatizados. O Nordeste apresenta a maior proporção de estigmatizados e é também onde há a maior proporção de beneficiários do PBF. A diferença na percepção da importância do PBF no orçamento familiar entre estigmatizados e não estigmatizados é significativa (91,8% *versus* 97,8%). Como esperado, os não estigmatizados se consideram melhor tratados que os estigmatizados, ao receberem o benefício. Já a variável *renda* (familiar) apresenta valores maiores para os estigmatizados. Em ambos os grupos o valor médio está bem acima do salário mínimo (SM) vigente (R\$ 300) e 72% das famílias na amostra recebem mais de 1 SM, sendo que apenas duas famílias recebem somente R\$ 50, o valor pago pelo programa de renda mínima, o que refuta a hipótese de esta variável corresponder aos benefícios recebidos. Por fim, os estigmatizados são um pouco mais pessimistas em relação ao futuro que os não estigmatizados.

A tabela 1B aponta as estatísticas descritivas para as crianças entre 7 e 14 anos, utilizadas nas regressões cujas variáveis dependentes são: assiduidade escolar e anos completos de escolaridade. Nota-se que apesar de as crianças de famílias que apresentaram o estigma possuírem uma assiduidade escolar incondicional (4,949) em comparação às crianças em famílias sem estigma (4,8), esta diferença não é significativa. Por outro lado, percebe-se que crianças em famílias estigmatizadas possuem nível de escolaridade superior àquelas em famílias não estigmatizadas. A diferença é significativa – 5%.

Cabe aqui revelar como o estigma é identificado. Nesta base de dados existe a seguinte pergunta: “Alguma vez você ou alguém da sua família sofreu preconceito ou constrangimento pelo fato de receber o Bolsa Família?” Não sabemos se o beneficiário foi ou não realmente maltratado, mas consideramos esta possibilidade também.

Vale lembrar que a inclusão na regressão da variável *pessimista* em uma das especificações busca capturar algum traço da personalidade do respondente em relação à forma como ele, ou ela, encara os acontecimentos diários. Esta variável é construída através da seguinte questão: “Pensando no futuro, você acredita que daqui a cinco anos a vida da sua família vai estar melhor, igual ou pior do que hoje?” Quando o indivíduo opta pela terceira alternativa (pior), ele é classificado como pessimista.⁸

Similarmente, foram construídos dois conjuntos de variáveis *dummies* denominados *importância bolsa* e *tratamento*. Estes conjuntos de variáveis visam capturar a relevância subjetiva do programa de transferência para a família do beneficiário (*importância bolsa*) e a percepção dessa família em relação ao tratamento recebido no local onde recebe o benefício (*tratamento*). O conjunto de variáveis *dummies importância bolsa* foi criado a partir da pergunta “Pensando na importância do PBF, para você e sua família, você diria que é muito importante, importante, pouco importante ou sem importância?” Ou seja, temos quatro *dummies* e fixamos os não respondentes desta pergunta como a linha de base. Para melhor visualização nas tabelas 1A e 1B, consideramos um indivíduo que “acha o PBF importante” aquele que respondeu que o programa é muito importante ou importante. “Por sua vez, o conjunto *tratamento* foi gerado a partir da seguinte pergunta: “Em sua opinião, a maneira como vocês são tratados no local onde recebem o benefício tem sido muito boa, boa, regular, ruim ou muito ruim?” Da mesma forma, temos cinco *dummies* e a linha-base são os não respondentes desta pergunta. De forma equivalente, para melhor visualização nas tabelas, consideramos “bem tratados ao receber o PBF” os indivíduos que responderam que o tratamento é muito bom ou bom.

3 IMPLEMENTAÇÃO EMPÍRICA

Moffit (1983) define estigma como uma desutilidade ao receber o auxílio de renda. Esta desutilidade pode estar associada a preconceitos por parte da sociedade em relação ao beneficiário por sinalizar que este pertence a uma baixa classe social, ou pode também estar relacionada com questões de autoestima do próprio beneficiário. Do ponto de vista teórico, Moffit (1983) modela o estigma de uma forma direta na função utilidade do indivíduo. Por outro lado, estamos interessados em estimar:

$$h = \beta w + \delta Y + \phi S + Z\Gamma + \mu \quad (1)$$

8. Note-se que os resultados não dependem desta variável, porém condicional ao nível de renda, sua utilização parece razoável.

em que h corresponde ao número de horas trabalhadas; w é o salário (ou renda proveniente do trabalho); Y é a renda não proveniente do trabalho; S é o efeito estigma por receber auxílio de um programa de transferência de renda; Z é um vetor de características do indivíduo que estão relacionadas com suas preferências; e μ é um termo de erro independente e identicamente distribuído por uma partilha normal de média zero e variância σ^2 .⁹

Essa oferta de trabalho é linear, o que torna o problema empírico mais fácil de implementar. Do ponto de vista teórico o impacto do estigma na oferta de trabalho é ambíguo e depende da substitutibilidade ou complementaridade entre o trabalho e o estigma. Pode-se imaginar a situação em que um indivíduo estigmatizado trabalhe mais como forma de minimizar a possível discriminação por parte da sociedade ou como forma de reduzir a dependência financeira para acelerar a sua saída do auxílio. Nesse caso, estigma e trabalho seriam complementares e esperaríamos que ϕ fosse positivo. Por outro lado, pode-se imaginar uma situação oposta à descrita acima, em que o indivíduo estigmatizado, por aversão social, prefira não se expor no ambiente de trabalho e oferte menos horas de trabalho. Já nesse caso, trabalho seria substituto ao estigma e ϕ negativo. Portanto, a definição do impacto do estigma na oferta de trabalho através da identificação do sinal de ϕ é uma tarefa empírica.

3.1 Decisões no mercado de trabalho

Como discutido anteriormente, os dados não disponibilizam informações a respeito do montante de horas trabalhadas dentro da família. Temos apenas as seguintes informações: *i*) se o indivíduo está desocupado/inativo (resultados na tabela 2); *ii*) se alguém na família que trabalhava ou contribuía com a renda ficou desempregado após receber o benefício (tabela 3); *iii*) se alguém na família que estava desempregado ou não trabalhava obteve emprego após o benefício (tabela 4); e *iv*) se o indivíduo procurou emprego nos últimos 30 dias (tabela 5).¹⁰ Dessa forma, estima-se o efeito do estigma sobre decisões binárias dos agentes econômicos, ou seja, se ao se sentirem estigmatizados os indivíduos procuraram emprego ou se ficaram desocupados/inativos através do método *probit*.

$$\text{Prob}(h = 1 | \text{renda}, \text{bolsa}, \text{Stigma}, Z) = \alpha + \beta \text{renda} + \delta \text{bolsa} + \phi \text{Stigma} + \Gamma Z + \varepsilon \quad (2)$$

9. Conforme utilizado em Conway (1997), esta equação de oferta de trabalho pode ser encontrada através do processo de integração descrito por Hausman (1980) da seguinte função utilidade: $U(C, T - h, S, Z, \mu) = \frac{1}{\delta} \left(h - \frac{\beta}{\delta} \right) \exp \left\{ -1 - \frac{\delta [C + \phi S / \delta + (Z\Gamma + \mu) / \delta - \beta / \delta^2]}{\beta / \delta - h} \right\}$, onde C é o consumo privado do indivíduo; T é o número de horas disponíveis para trabalho ou lazer; e β , ϕ e δ são parâmetros desta função.

10. Apesar de restritivo, isto faz com que nossos resultados apenas se apliquem no que diz respeito a tomadas de decisão das famílias relacionadas a mudanças descontínuas de comportamento, ou seja, menos suscetíveis ao efeito estigma, o que fortalece o resultado.

onde h é uma variável binária: assume valor 1 se está desocupado/inativo (tabela 2); ou se alguém na família ficou desempregado (tabela 3); ou se alguém na família que estava desocupado/inativo obteve emprego após o benefício (tabela 4); ou se o indivíduo que estava desocupado/inativo procurou emprego nos últimos 30 dias (tabela 5); e zero, caso contrário em cada uma das tabelas. A variável *renda* corresponde à renda total da família advinda do trabalho (corresponde ao w no modelo acima); *bolsa* é o valor recebido do benefício através do PBF – equivalente ao termo Y na especificação (1)–; *Stigma* representa o componente de interesse, o estigma; e Z são os controles. Usamos como controle as variáveis sexo, idade, idade², raça, estado civil, *dummies* de escolaridade, *dummy* indicando se o indivíduo frequenta a escola e *dummies* de região do país.

TABELA 2
Estigma e a probabilidade de estar desempregado – entre 16 e 60 anos

Método: Mínimos Quadrados Ordinários (MQO)	Desempregado1 Coeficiente/ erro-padrão	Desempregado2 Coeficiente/ erro-padrão	Desempregado3 Coeficiente/ erro-padrão	Desempregado4 Coeficiente/ erro-padrão	Desempregado5 Coeficiente/ erro-padrão
Stigma	-0,228*** (0,069)	-0,223*** (0,069)	-0,177** (0,071)	-0,178** (0,071)	-0,183** (0,072)
Bolsa		0,002** (0,001)	0,002** (0,001)	0,002* (0,001)	0,002* (0,001)
Renda				-0,0003** (0,0001)	-0,0003** (0,0001)
Pessimismo					0,364*** (0,140)
Importância da bolsa	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Tratamento	Não	Não	Sim	Sim	Sim
R ² ajustado	0,227	0,229	0,232	0,233	0,235
Observações	5.779	5.753	5.753	5.753	5.735

Fonte: Elaboração dos autores.

Notas: Desvio-padrão entre parênteses. Significante a: 1% - ***; 5% - **; 10% - *.

Diferentes especificações do modelo são testadas a fim de checarmos a robustez dos resultados encontrados. Na especificação (1), o modelo mais simples em que apenas a variável *Stigma* e os controles (Z), acima descritos, são incluídos na regressão. A especificação (2) inclui a variável *bolsa*. A especificação (3) inclui no vetor de controles (Z) dois componentes adicionais. O primeiro conjunto de variáveis *dummies* mede a importância subjetiva do PBF na vida do beneficiário (*importância bolsa*). Já o segundo captura a percepção do beneficiário em relação à forma como é tratado no momento em que recebe a transferência (*tratamento*). A inclusão do primeiro conjunto de variáveis visa controlar a relevância subjetiva da transferência. Nesse sentido, tentamos separar

o efeito da importância pessoal do PBF de uma possível desutilidade do benefício causado por preconceito externo à família. O segundo conjunto de variáveis tem a função de isolar o efeito estigma social de possíveis problemas de funcionamento do sistema de transferência, tais como maus tratos no ato do recebimento do benefício. A especificação (4) agrega a variável renda total da família na regressão. Na última especificação, inclui-se o componente *pessimismo* que busca medir, de alguma forma, o pessimismo que os indivíduos atribuem ao seu futuro.^{11, 12}

TABELA 3

Estigma e a probabilidade de alguém na família ficar desempregado – entre 16 e 60 anos

MQO	Desempregado1 Coeficiente/ erro-padrão	Desempregado2 Coeficiente/ erro-padrão	Desempregado3 Coeficiente/ erro-padrão	Desempregado4 Coeficiente/ erro-padrão	Desempregado5 Coeficiente/ erro-padrão
Stigma	-0,297*** (0,065)	-0,299*** (0,065)	-0,223*** (0,067)	-0,222*** (0,067)	-0,201*** (0,067)
Bolsa		0,002*** (0,001)	0,002* (0,001)	0,002** (0,001)	0,002* (0,001)
Renda				0,001*** (0,0001)	0,001*** (0,0001)
Pessimismo					0,335*** (0,123)
Importância da bolsa	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Tratamento	Não	Não	Sim	Sim	Sim
R ² ajustado	0,074	0,077	0,095	0,098	0,098
Observações	5.778	5.753	5.744	5.744	5.726

Fonte: Elaboração dos autores.

Notas: Desvio-padrão entre parênteses. Significante a: 1% - ***; 5% - **; 10% - *;

A principal razão para esta apresentação se dá por conta de que algumas variáveis podem ser consideradas endógenas no modelo. Desta forma, ao mostrarmos todos os resultados, esperamos comprovar a robustez do sinal e a magnitude da variável de interesse, o estigma.¹³

11. As estimações com todas as variáveis utilizadas estão no apêndice.

12. Testamos também esta última especificação considerando o método *propensity score matching* (*nearest neighbor*). Os resultados encontrados são qualitativamente similares aos reportados, exceto quando a variável dependente considerada for "procurou emprego nos último 30 dias", embora nessas abordagens não encontremos significância estatística para a variável *Stigma*.

13. Por exemplo, a possível endogeneidade da variável renda se deve ao fato de que trabalhadores empregados possuem rendas maiores, portanto o resíduo da regressão principal é potencialmente correlacionado com esta variável, o que superestima o efeito renda. Por outro lado, sendo esta variável composta por renda do trabalho e renda de transferência e ainda se o efeito da renda de transferência sobre as variáveis de interesse for oposto ou menor que o efeito da renda advinda do trabalho, podemos observar coeficientes subestimados para a renda.

TABELA 4
Estigma e a probabilidade de alguém na família ficar empregado – entre 16 e 60 anos

MQO	Empregado1 Coeficiente/ erro-padrão	Empregado2 Coeficiente/ erro-padrão	Empregado3 Coeficiente/ erro-padrão	Empregado3 Coeficiente/ erro-padrão	Empregado- 4h Coeficiente/ erro-padrão
Stigma	-0,001 (0,096)	0,010 (0,097)	0,110 (0,101)	0,114 (0,102)	0,118 (0,102)
Bolsa		0,007*** (0,001)	0,006*** (0,001)	0,006*** (0,001)	0,006*** (0,001)
Renda				0,001*** (0,0001)	0,001*** (0,0001)
Pessimismo					-0,097 (0,225)
Importância da bolsa	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Tratamento	Não	Não	Sim	Sim	Sim
R ² ajustado	0,055	0,065	0,088	0,098	0,098
Observações	5.778	5.753	5.732	5.732	5.714

Fonte: Elaboração dos autores.

TABELA 5
Estigma e a procura por emprego entre desempregados – entre 16 e 60 anos

MQO	Procura1 Coeficiente/ erro-padrão	Procura2 Coeficiente/ erro-padrão	Procura3 Coeficiente/ erro-padrão	Procura4 Coeficiente/ erro-padrão	Procura5 Coeficiente/ erro-padrão
Stigma	0,177 (0,165)	0,186 (0,167)	0,105 (0,174)	0,124 (0,174)	0,132 (0,176)
Bolsa		0,000 (0,002)	0,000 (0,002)	0,000 (0,002)	0,000 (0,002)
Renda				-0,0004* (0,0002)	-0,0004** (0,0002)
Pessimismo					-0,312*** (0,173)
Importância da bolsa	Não	Não	0,085	Sim	Sim
Tratamento	Não	Não	1,302	Sim	Sim
R ² ajustado	0,055	0,056	0,085	0,087	0,094
Observações	1.310	1.305	1.302	1.302	1.300

Fonte: Elaboração dos autores.

Notas: Desvio-padrão entre parênteses. Significante a: 1% - ***; 5% - **; 10% - *.

Uma questão relevante a ser notada é a omissão da variável *número de pessoas na família* nas especificações propostas. Isso se deve a problemas na base de dados que não continha esta informação para a grande maioria dos entrevistados. Contudo,

imaginamos que a ausência desta variável foi compensada pela inclusão das variáveis: *renda* total da família e *bolsa*, valor da transferência recebida pela família, uma vez que essas duas variáveis são (fortemente) correlacionadas com o tamanho de família.

As tabelas 2 e 3 apresentam os resultados sobre a probabilidade de o indivíduo estar desocupado/inativo e de encontrar alguém (outro) na família do beneficiário que ficou desempregado após o recebimento do benefício, respectivamente. O efeito estigma é negativo e significativo em todas as especificações. Ou seja, o indivíduo que se sentiu estigmatizado apresenta menor probabilidade de estar desocupado/inativo (tabela 2) ou de ter alguém (outro) na família que ficou desempregado (tabela 3). A redução na probabilidade fica em torno de 7% e 7,7%, respectivamente, (efeitos marginais).¹⁴ Este resultado sugere que famílias que apresentam indivíduos que se sentiram estigmatizados, ao menos estatisticamente, buscam permanecer no seu emprego, evitando possivelmente maiores constrangimentos ou tentando sair do programa mais rapidamente.

A variável *bolsa* está associada positiva e estatisticamente com a probabilidade de o indivíduo estar desocupado/inativo (tabela 2) bem como a de alguém ficar desempregado após o recebimento do benefício (tabela 3). Já a variável *renda* reduz a probabilidade de alguém estar desocupado/inativo (tabela 2), porém aumenta a probabilidade de que alguém (outro) na família perca o emprego após receber a transferência (tabela 3). Isto pode decorrer do efeito riqueza gerado sobre as famílias, uma vez que membros das famílias com maior poder aquisitivo, que recebem alguma transferência de renda cujo respondente apresenta baixa probabilidade de perder o emprego, podem optar pelo desemprego, seja para procurar melhores oportunidades, estudar ou porque preferem mais lazer.

Por fim, a variável que considera se o indivíduo que respondeu o questionário é pessimista (*pessimismo*) afeta positivamente a probabilidade de estar desocupado/inativo (tabela 2) ou de alguém na família ficar desempregado (tabela 3). O uso desta variável é controverso, pois ela pode ser causada pelo fato de o indivíduo estar ou ficar desempregado, o problema de causalidade reversa. É possível que ao responder que é pessimista em relação ao futuro o entrevistado esteja externalizando uma situação que ignoramos, como por exemplo a existência de uma doença grave ou qualquer outra informação correlacionada com a variável de interesse. Nesse caso, teríamos o problema de endogeneidade da variável *pessimismo*. Por outro lado, sua omissão poderia gerar argumentos de que as pessoas que se sentiram estigmatizadas possuem perspectivas negativas ou mesmo diferentes das outras e o efeito que estaríamos estimando não se deve ao estigma, e sim a características idiossincráticas dessas famílias. De qualquer forma, os resultados são robustos à sua inclusão.

Os resultados encontrados podem estar captando dois efeitos distintos. Primeiro, a ideia de que pessoas que se sentem constrangidas pelo fato de estarem recebendo o

14. Os efeitos marginais foram calculados com base na média das covariadas.

auxílio (ou terem alguém na família beneficiado) evitam perder seus empregos. Ou, os resultados estão captando um efeito de causalidade reversa, ou seja, os indivíduos estigmatizados no trabalho, portanto, aqueles que não estão desocupados/inativos (ou têm alguém na família que não passou a ficar desempregado) são menos estigmatizados.

Para tentar identificar a causa dos resultados encontrados, regredimos às mesmas equações das tabelas 2 e 3, excluindo aqueles indivíduos que informaram estar sendo estigmatizados no local de trabalho (53 indivíduos de um total de 943 que se dizem estigmatizados).¹⁵ Os resultados são bastante parecidos. No caso de a variável dependente ser a probabilidade de estar desocupado/inativo, o efeito marginal é igual a 7,1%. Já na regressão onde a variável dependente captura a probabilidade de alguém na família perder o emprego após o recebimento do auxílio, este efeito marginal do estigma é também de 7,7%. Portanto, a hipótese de causalidade reversa não parece uma explicação plausível para os resultados encontrados.

As tabelas 4 e 5 referem-se às estimativas do efeito estigma sobre a probabilidade de alguém na família obter emprego (tabela 4) e sobre a probabilidade de alguém na família que estava desocupado/inativo procurar emprego (tabela 5, com a *subamostra* de 1.300 observações),¹⁶ ambos após receberem alguma transferência federal.

Pode-se observar que, apesar de não significativo, o estigma afeta positivamente ambas as variáveis dependentes. Condicional aos fatores relevantes, famílias que se sentiram estigmatizadas possuem uma probabilidade 1,6% maior de alguém na família ficar empregada – calculado a partir da coluna (5), tabela 4. Ainda, o fato de se sentirem estigmatizadas faz com que as famílias também procurem mais por emprego quando desempregadas. Esta procura é 5% maior quando comparada com a das famílias que não se sentiram estigmatizadas – efeito marginal calculado a partir da coluna (5), tabela 5 –, porém a diferença não é estatisticamente significativa.

A variável *bolsa* é positiva e significativa na maioria dos casos, ou seja, a probabilidade de alguém na família ficar empregado (tabela 4) ou procurar emprego (tabela 5) é tanto maior quanto maior for o valor da transferência de renda.¹⁷ É possível que nesse caso estejamos capturando o efeito tamanho de família, uma vez que domicílios com mais crianças recebam um valor maior de transferência, além de aumentar a chance de alguém ficar empregado.

Já o efeito da renda familiar possui sinais opostos (tabelas 4 e 5). Um aumento de renda afeta positivamente a probabilidade de alguém na família obter

15. No questionário desta pesquisa, logo após a questão de número 70 onde se pergunta ao indivíduo se já sofreu preconceito ou constrangimento por receber o Bolsa Família, a próxima questão (71) pergunta onde isto ocorreu, e o local de trabalho é uma das opções.

16. Esta regressão considera apenas os membros desempregados das famílias, por isso a redução para 1.310 observações em contrapartida às 5.778 observações quando consideramos a amostra inteira.

17. Entre as pessoas estigmatizadas, 23% acham o PBF muito importante e 69% importante. Já para os não estigmatizados estes números correspondem a 44% e 53%, respectivamente.

emprego (tabela 4), porém reduz a probabilidade de desocupados/inativos nas famílias procurarem emprego (tabela 5). Isto sugere que renda mais alta captura melhores características socioeconômicas das famílias que estão associadas a uma probabilidade de conseguirem emprego, uma vez que o procuram. Por outro lado, entre os desocupados/inativos, níveis mais altos de renda geram menores incentivos em alguns membros destas famílias que podem optar por mais estudo ou lazer em detrimento da procura por emprego.

Por último, a variável *pessimismo* somente afeta significativamente a probabilidade de desocupados/inativos procurarem emprego – tabela 5, coluna (5). Este efeito, conforme esperado, é negativo. Pessoas aqui classificadas como pessimistas tendem a não acreditar que consigam arrumar emprego e, uma vez desocupadas, optam por não procurarem novas oportunidades.

Os resultados encontrados ratificam a ideia de que indivíduos estigmatizados (ou membros da família desses indivíduos) procuram emprego como forma de evitar ou diminuir o constrangimento, seja por estarem tentando sair da condição de beneficiários ou como forma de reduzir o preconceito por parte da sociedade mostrando-se produtivos.

Observe-se que os resultados estimados não captam o efeito discriminação exclusivamente. Se este fosse o caso, teríamos que os indivíduos definidos como estigmatizados tenderiam a encontrar menores chances de arrumar emprego ou maiores chances de ficarem desempregados, pois seriam discriminados no mercado de trabalho. As estimações apontam para a direção oposta.

3.2 Decisão na formação do capital humano

Os resultados anteriores indicam que as famílias que se sentiram estigmatizadas por receberem algum tipo de transferência tomam decisões diferentes das famílias beneficiárias que não se sentiram estigmatizadas. Em particular, o efeito estigma medido parece conduzir as famílias a procurarem melhores condições no mercado de trabalho. Isto pode se dar por uma menor probabilidade de terem membros desempregados ou maior probabilidade de procurarem e encontrarem novos empregos.

No entanto, um dos objetivos do principal programa de transferência federal, o PBF, é fazer com que as crianças frequentem a escola. Em particular, este é um dos pré-requisitos para que as famílias recebam o benefício. Como esta pesquisa ainda traz informações sobre questões associadas à escolaridade e consequentemente à formação de capital humano de crianças beneficiadas pelo programa, testamos também o efeito do estigma na assiduidade da criança na escola. Nesse caso, a decisão sobre a quantidade e a qualidade da educação, que está relacionada à assiduidade, é afetada pelo estigma. Mais uma vez, a direção do efeito do estigma na

escolaridade dos indivíduos é ambígua e a sua identificação continua sendo uma tarefa empírica.

Testa-se, então, se famílias que se sentiram estigmatizadas possuem crianças com maior ou menor assiduidade escolar bem como anos de estudo. Essa questão é extremamente relevante em termos de políticas públicas, pois podemos verificar comportamentos distintos de beneficiários de programas de transferência apenas pelo fato de se sentirem discriminados.

Para obter a formulação correspondente na estimação, basta substituir a variável *h* da equação (1) que mede o número de horas de trabalho ofertadas pelo número de dias frequentados na escola (tabela 6) e pelos anos de estudo (tabela 7) pelas crianças das famílias e pelos anos de escolaridade das famílias. A tabela 6 mostra os resultados referentes ao efeito do estigma sobre a decisão das famílias com crianças quanto à assiduidade escolar enquanto a tabela 7 aponta a relação entre estigma e escolaridade.

TABELA 6
Estigma e assiduidade escolar – entre 7 e 14 anos

	Assiduidade1	Assiduidade2	Assiduidade3	Assiduidade4	Assiduidade5
MQO	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão
Stigma	0,118*** (0,037)	0,112*** (0,037)	0,090** (0,037)	0,090** (0,038)	0,079** (0,038)
Bolsa		-0,001* (0,001)	-0,001 (0,001)	-0,001 (0,001)	-0,001 (0,001)
Renda				-0,00007 (0,0001)	-0,00008 (0,0001)
Pessimismo					-0,276** (0,122)
Importância da bolsa	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Tratamento	Não	Não	Sim	Sim	Sim
R ² ajustado	0,022	0,023	0,024	0,024	0,029
Observações	2.738	2.726	2.726	2.726	2.720

Fonte: Elaboração dos autores.

Notas: Desvio-padrão entre parênteses. Significante a: 1% - ***; 5% - **; 10% - *.

As estimações sugerem que o estigma está associado positivamente à assiduidade escolar, ou seja, famílias que se sentiram estigmatizadas apresentam crianças com maior assiduidade escolar – 0,08 dia a mais por semana, coluna (5), tabela 6 – do que aquelas que, mesmo beneficiárias de programas de transferência, não se sentiram estigmatizadas. Isto reforça os resultados obtidos na seção anterior que

aponta o efeito estigma como motivador de decisões que visam retirar as famílias desta situação de dependência. O estigma verificado parece impulsionar as famílias a investir no capital humano, em particular na educação de suas crianças, ratificando mais uma vez a ideia de que famílias estigmatizadas empenham maior esforço para sair da condição de beneficiários.

TABELA 7
Estigma e escolaridade – entre 7 e 14 anos

	Escolaridade1	Escolaridade2	Escolaridade3	Escolaridade4	Escolaridade5
MQO	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão
Stigma	0,148*** (0,056)	0,122** (0,056)	0,122** (0,058)	0,120** (0,058)	0,107* (0,059)
Bolsa		-0,004*** (0,001)	-0,003*** (0,001)	-0,003*** (0,001)	-0,003*** (0,001)
Renda				0,000* (0,0001)	0,000* (0,0001)
Pessimismo					-0,375** (0,167)
Importância da bolsa	Não	Não	Sim	Sim	Sim
Tratamento	Não	Não	Sim	Sim	Sim
R ² ajustado	0,783	0,784	0,785	0,785	0,789
Observações	2.785	2.773	2.773	2.773	2.767

Fonte: Elaboração dos autores.

Notas: Desvio-padrão entre parênteses. Significante a: 1% - ***; 5% - **; 10% - *.

As variáveis *bolsa* e *renda* não são significativas e ambas apresentam o sinal negativo. Ou seja, quanto maior a renda do indivíduo e maior o valor da transferência (*bolsa*), menor a assiduidade. Pode ser que as famílias que recebem maior transferência precisem que suas crianças executem algum outro tipo de tarefa, o que afeta a decisão de assiduidade escolar.¹⁸

Por fim, de acordo com o esperado, famílias classificadas como pessimistas apresentam crianças com menor frequência escolar. Pode ser que estas famílias estejam descrentes de sucesso futuro e não acreditem que investimentos na educação mudem sua situação atual. Portanto, influenciam negativamente a decisão dos filhos de irem à escola.

A tabela 7 aponta que o estigma está associado positivamente à escolaridade, ou seja, crianças estigmatizadas apresentam escolaridade média mais alta (0,10

18. Em nossa amostra, nenhuma pessoa abaixo dos 14 anos revelou estar trabalhando. Para maiores detalhes acerca de trabalho infantil, ver Duryea e Arends-Kuening (2003) e Cardoso e Souza (2004).

anos de estudo a mais na regressão com todos os controles), sendo estatisticamente significativa (10%). Isto apoia os resultados obtidos anteriores que sugerem o efeito estigma como motivador de decisões que visam retirar as famílias da situação de dependência. Uma possível interpretação deste resultado é que o estigma pode estar impulsionando as famílias a investirem no capital humano, em particular na educação de suas crianças, ratificando mais uma vez a ideia de que famílias estigmatizadas empenham maior esforço para sair da condição de beneficiários. Por outro lado, como discutido anteriormente, é possível também que estejamos capturando uma heterogeneidade entre os agentes, ou seja, indivíduos que se preocupam mais com a educação dos filhos são os que mais se sentem desconfortáveis com a situação de dependência em relação às transferências.

As variáveis *bolsa* e *renda* são significativas, sendo a primeira negativa e a segunda positiva. Ou seja, quanto maior a renda do indivíduo, mais educada é a família. Conforme dito antes, apesar de possivelmente endógena a variável *renda* captura o tamanho da família e também as condições socioeconômicas das mesmas. O fato de termos o sinal positivo e significativo neste caso corrobora esta ideia. No entanto, não se pode dizer nada a respeito da causalidade dos efeitos. Ainda, quanto maior o valor recebido pela bolsa, menor a escolaridade das famílias. É possível que nesse caso estejamos capturando o efeito tamanho de família, uma vez que domicílios com mais crianças recebam um valor maior de transferência e, conseqüentemente, possuam menor escolaridade, ou ainda, como acima, pode ser que as famílias que recebam maior transferência precisem trabalhar logo cedo e por conseqüência tenham que abandonar a escola.

Por fim, de acordo com o esperado, famílias classificadas como pessimistas apresentam menores anos de escolaridade. Pode ser que a ausência na formação de capital humano dessas famílias as deixe menos otimistas em relação ao seu futuro.

4 CONCLUSÃO

Este artigo investiga a relação entre estigma e decisões econômicas dos indivíduos beneficiados por algum programa de transferência federal. Estigma é definido aqui como a desutilidade que pode resultar ao se participar de algum programa de transferência.

Em particular, o efeito estigma medido está associado às decisões das famílias que buscam melhores condições no mercado de trabalho. Isto pode ocorrer seja por se verificar menor probabilidade de possuírem membros desempregados após o recebimento do benefício, menor probabilidade de estarem desocupados/inativos ou maior probabilidade de procurarem e encontrarem novos empregos. Estima-se que a probabilidade de encontrar membros de famílias estigmatizadas desempregados seja 7,5% menor quando comparados a membros de famílias que não sofrem do estigma. Isto contrasta com Moffit (1983) que sugere que o estigma reduz o número de horas trabalhadas e parece corroborar a hipótese defendida por Handlert

e Hollingsworth (1969), de que as políticas assistencialistas podem envergonhar aqueles que procuram o benefício. No nosso caso, famílias estigmatizadas tomam decisões que objetivam reduzir a dependência futura de benefícios. Ainda, estima-se que o estigma está positivamente associado à frequência escolar e à escolaridade das crianças destas famílias, ou seja, as famílias estigmatizadas parecem investir mais em educação das crianças que famílias não estigmatizadas.

A interpretação dos resultados requer cautela. Diferentes interpretações deste trabalho podem surgir. Por exemplo, os resultados podem estar capturando um efeito causal de estigma sobre o esforço do indivíduo e de sua família para sair da condição de dependentes financeiros do programa. Por outro lado, também é possível que a heterogeneidade entre os agentes explique a correlação encontrada aqui. Suponhamos que os agentes possuidores de uma característica de maior esforço são também aqueles que se sintam mais constrangidos pelo fato de estarem recebendo o auxílio. Nesse caso, o efeito do estigma não seria causal, mas capturaria um elemento idiossincrático dos beneficiários. Portanto, torna-se clara a necessidade de aprofundar a investigação neste tema, sendo o próximo passo a construção de base de dados juntamente com estratégias de identificação que permitam isolar desta relação a parcela atribuída ao efeito causal do estigma e ao efeito da heterogeneidade dos agentes.

ABSTRACT

This paper investigates the relationship between stigma and economic decisions of those individuals benefited from any federal assistance program. Stigma is defined as the disutility resultant in participating in any assistance program. In particular, the paper estimates that stigma is negatively associated with unemployment in the family for adults and higher school attendance and more schooling among children. More studies on stigma should be conducted to truly identify the causality between the economic variables in order to debate with Moffit (1983) which suggests that stigma reduces the number of worked hours.

REFERÊNCIAS

- ANGERMEYER, M.; MATSHINGINGER, H. The effects of violent attacks by Schizophrenia persons on attitude of the public towards the mentally ill. *Social Science Medicine*, v. 43, p. 1.721-1.728, 1994.
- CALVO-ARMENGO, J.; JACKSON, E. J. The effects of social networks on employment and inequality. *The American Economic Review*, v. 94, p. 426-454, 1994.
- CARDOSO, E.; SOUZA, A. P. *The impact of cash transfers on child labor and school attendance in Brazil*. Department of Economics, Vanderbilt University, 2004 (Working Papers, n. 0407).
- CONWAY, K. Labor supply, taxes, and government spending: a microeconomic analysis. *Review of Economics and Statistics*, v. 79, p. 50-67, 1997.
- DURYEY, S.; ARENDS-KUENNING, M. School attendance, child labor and local labor market fluctuations in urban Brazil. *World Development*, v. 31, n. 7, p. 1.165-1.178, 2003.

HANDLERT, A.; HOLLINGSWORTH, M. Stigma, privacy, and other attitudes of welfare recipients. *Stanford Law Review*, v. 22, p. 1-19, 1969.

HAUSMAN, J. The effect of wages, taxes and fixed costs on women's labor force participation. *Journal of Public Economics*, v. 14, p. 161-194, 1980.

LINK, B.; PHELAN, J. Conceptualizing stigma. *Annual Review of Sociology*, v. 27, p. 363-385, 2001.

MESQUITA, C. *O Programa Bolsa Família: uma análise de seu impacto e alcance social*. Dissertação de Mestrado, UNB, 2007.

MOFFIT, R. An economic model of welfare stigma. *American Economic Review*, v. 73, p. 1.023-1.035, 1983.

OPALA, J.; BOYLLOT, F. Leprosy among the limbo: illness and healing in the context, of world view. *Social Sciences Medicine*, v. 42, p. 3-19, 1996.

PAGE, R. *Stigma*. London: Routledge and Keegan Paul, 1984.

PHELAN, J.; LINK, B.; STUEVE, A.; PESCOSOLIDO, B. Public conceptions of mental illness in 1950 and 1996: what is mental illness and it is to be feared. *Journal of Health and Social Behavior*, v. 41, p. 188-207, 2000.

SHELDON, K.; CALDWELL, L. Urinary incontinence in women: implications for therapeutic recreation. *Therapeutic Recreation Journal*, v. 28, p. 203-212, 1994.

VISHWANATH, T. Job search stigma effect and escape rate from unemployment. *Journal of Labor Economics*, v. 7, p. 487-502, 1989.

WASGROVE, D. Policing yourself: social closure and internalization of stigma. In: LEE, G.; LOVERIDGE, R. (Ed.). *In the manufacture of disadvantage*. Philadelphia: Open University Press, 1987.

(Originais submetidos em maio de 2008. Última versão recebida em junho de 2009. Aprovado em outubro de 2009.)

APÊNDICE

ESTIMAÇÕES COMPLETAS¹⁹

TABELA A.2

Estigma e a probabilidade de estar desempregado – entre 16 e 60 anos

	Desempregado1	Desempregado2	Desempregado3	Desempregado4	Desempregado5
	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão
Stigma	-0,228*** (0,069)	-0,223*** (0,069)	-0,177** (0,071)	-0,178** (0,071)	-0,183** (0,072)
Cor branca	-0,262** (0,112)	-0,240** (0,113)	-0,206* (0,114)	-0,182 (0,115)	-0,182 (0,115)
Cor negra	-0,264** (0,115)	-0,259** (0,115)	-0,212* (0,116)	-0,193* (0,117)	-0,192 (0,117)
Cor amarela	-0,190 (0,167)	-0,188 (0,167)	-0,147 (0,167)	-0,134 (0,168)	-0,134 (0,168)
Cor parda	-0,236** (0,111)	-0,224** (0,111)	-0,172 (0,113)	-0,153 (0,113)	-0,163 (0,113)
Idade	-0,151*** (0,015)	-0,149*** (0,016)	-0,150*** (0,016)	-0,150*** (0,016)	-0,153*** (0,016)
Idade ao quadrado	0,002*** (0,000)	0,002*** (0,000)	0,002*** (0,000)	0,002*** (0,000)	0,002*** (0,000)
Região Norte	0,337*** (0,067)	0,317*** (0,068)	0,259*** (0,070)	0,253*** (0,071)	0,255*** (0,071)
Região Nordeste	0,249*** (0,059)	0,232*** (0,059)	0,183*** (0,061)	0,178*** (0,061)	0,175*** (0,061)
Região Sudeste	0,241*** (0,066)	0,237*** (0,066)	0,196*** (0,067)	0,218*** (0,068)	0,202*** (0,068)
Região Sul	0,334*** (0,069)	0,336*** (0,069)	0,283*** (0,071)	0,279*** (0,071)	0,261*** (0,072)
Sexo	-0,869*** (0,044)	-0,870*** (0,045)	-0,872*** (0,045)	-0,871*** (0,045)	-0,876*** (0,045)
Estuda	0,670*** (0,074)	0,670*** (0,075)	0,650*** (0,075)	0,650*** (0,075)	0,652*** (0,076)
Casado(a)/vive junto	0,782*** (0,166)	0,790*** (0,165)	0,774*** (0,166)	0,777*** (0,165)	0,778*** (0,164)
Separado(a)/divorciado(a)	0,537*** (0,177)	0,539*** (0,177)	0,512*** (0,177)	0,511*** (0,176)	0,508*** (0,176)
Solteiro(a)	1,225*** (0,177)	1,248*** (0,177)	1,223*** (0,177)	1,242*** (0,176)	1,232*** (0,176)

(continua)

19. Estas estimações são as versões completas das tabelas 2,3,4,5,6 e 7 que fazem parte do corpo do texto.

(continuação)

	Desempregado1	Desempregado2	Desempregado3	Desempregado4	Desempregado5
	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão
Estuda 1 a 4 anos	-0,088 (0,097)	-0,088 (0,098)	-0,078 (0,098)	-0,064 (0,098)	-0,073 (0,099)
Estuda 5 a 8 anos	-0,188* (0,096)	-0,185* (0,097)	-0,152 (0,097)	-0,134 (0,098)	-0,135 (0,098)
Estuda 8 a 13 anos	-0,468*** (0,100)	-0,464*** (0,101)	-0,410*** (0,102)	-0,390*** (0,103)	-0,396*** (0,103)
Valor da bolsa		0,002** (0,001)	0,002** (0,001)	0,002* (0,001)	0,002* (0,001)
Bolsa muito importante			-0,145 (0,391)	-0,151 (0,390)	-0,167 (0,391)
Bolsa importante			-0,300 (0,391)	-0,308 (0,390)	-0,329 (0,391)
Bolsa pouco importante			-0,249 (0,408)	-0,249 (0,407)	-0,304 (0,409)
Bolsa sem importância			0,391 (0,537)	0,359 (0,535)	0,239 (0,551)
Tratamento ao receber muito bom			0,049 (0,610)	0,060 (0,610)	0,049 (0,613)
Tratamento ao receber bom			0,169 (0,609)	0,187 (0,609)	0,169 (0,612)
Tratamento ao receber regular			0,148 (0,612)	0,142 (0,612)	0,128 (0,615)
Tratamento ao receber ruim			-0,165 (0,651)	-0,121 (0,651)	-0,189 (0,654)
Tratamento ao receber muito ruim			0,356 (0,717)	0,558 (0,721)	0,286 (0,729)
Renda				-0,000** (0,000)	-0,000** (0,000)
Pessimismo					0,364*** (0,140)
_cons	2,198*** (0,345)	1,999*** (0,351)	2,119*** (0,809)	2,213*** (0,809)	2,295*** (0,812)
R ² ajustado	0,227	0,229	0,232	0,233	0,235
Observações	5.779	5.753	5.753	5.753	5.735

Nota: Significante a: 1% - ***; 5% - **; 10% - *.

TABELA A.3

Estigma e a probabilidade de alguém na família ficar desempregado – entre 16 e 60 anos

	Desempregado1	Desempregado2	Desempregado3	Desempregado4	Desempregado5
	Coeficiente/ erro-padrão	Coeficiente/ erro-padrão	Coeficiente/ erro-padrão	Coeficiente/ erro-padrão	Coeficiente/ erro-padrão
Stigma	-0,297*** (0,065)	-0,299*** (0,065)	-0,223*** (0,067)	-0,222*** (0,067)	-0,201*** (0,067)
Cor branca	-0,339*** (0,105)	-0,310*** (0,105)	-0,242** (0,107)	-0,283*** (0,108)	-0,290*** (0,108)
Cor negra	-0,569*** (0,108)	-0,563*** (0,108)	-0,460*** (0,110)	-0,490*** (0,110)	-0,494*** (0,110)
Cor amarela	-0,294* (0,163)	-0,292* (0,163)	-0,194 (0,164)	-0,217 (0,163)	-0,216 (0,163)
Cor parda	-0,464*** (0,104)	-0,446*** (0,104)	-0,329*** (0,106)	-0,359*** (0,106)	-0,368*** (0,106)
Idade	0,002 (0,015)	0,006 (0,015)	0,000 (0,015)	0,001 (0,015)	0,000 (0,015)
Idade ao quadrado	0,000 (0,000)	0,000 (0,000)	0,000 (0,000)	0,000 (0,000)	0,000 (0,000)
Região Norte	0,677*** (0,065)	0,660*** (0,066)	0,548*** (0,068)	0,556*** (0,069)	0,562*** (0,069)
Região Nordeste	0,689*** (0,057)	0,677*** (0,058)	0,578*** (0,060)	0,585*** (0,060)	0,586*** (0,060)
Região Sudeste	0,336*** (0,063)	0,332*** (0,063)	0,297*** (0,065)	0,256*** (0,066)	0,254*** (0,066)
Região Sul	0,308*** (0,067)	0,296*** (0,068)	0,216*** (0,070)	0,219*** (0,070)	0,211*** (0,070)
Sexo	0,029 (0,040)	0,030 (0,040)	0,036 (0,041)	0,032 (0,041)	0,034 (0,041)
Estuda	0,183*** (0,066)	0,187*** (0,066)	0,148** (0,066)	0,149** (0,067)	0,151** (0,067)
Casado(a)/vive junto	-0,116 (0,147)	-0,114 (0,148)	-0,144 (0,149)	-0,153 (0,149)	-0,153 (0,148)
Separado(a)/divorciado(a)	0,130 (0,159)	0,121 (0,160)	0,054 (0,161)	0,050 (0,161)	0,045 (0,160)
Solteiro(a)	0,548*** (0,159)	0,572*** (0,159)	0,528*** (0,160)	0,496*** (0,161)	0,495*** (0,160)

(continua)

(continuação)

	Desempregado1	Desempregado2	Desempregado3	Desempregado4	Desempregado5
	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão
Estuda 1 a 4 anos	0,148 (0,095)	0,145 (0,095)	0,176* (0,095)	0,155 (0,096)	0,151 (0,096)
Estuda 5 a 8 anos	0,046 (0,093)	0,044 (0,094)	0,118 (0,095)	0,090 (0,095)	0,092 (0,095)
Estuda 8 a 13 anos	-0,086 (0,096)	-0,083 (0,096)	0,023 (0,098)	-0,011 (0,098)	-0,011 (0,098)
Valor da bolsa		0,002*** (0,001)	0,002* (0,001)	0,002** (0,001)	0,002* (0,001)
Bolsa muito importante			-0,612 (0,474)	-0,602 (0,479)	-0,613 (0,478)
Bolsa importante			-0,978** (0,473)	-0,964** (0,478)	-0,977** (0,477)
Bolsa pouco importante			-0,998** (0,487)	-0,997** (0,493)	-1,053** (0,493)
Bolsa sem importância			0,586 (0,588)	0,635 (0,591)	0,493 (0,610)
Tratamento ao receber muito bom			0,688 (0,462)	0,665 (0,467)	0,661 (0,464)
Tratamento ao receber bom			0,836* (0,461)	0,801* (0,465)	0,799* (0,462)
Tratamento ao receber regular			1,021** (0,463)	1,023** (0,468)	1,019** (0,465)
Tratamento ao receber ruim			0,953* (0,517)	0,870* (0,522)	0,817 (0,516)
Renda				0,001*** (0,000)	0,001*** (0,000)
Pessimismo					0,335*** (0,123)
_cons	-0,773** (0,326)	-1,009*** (0,333)	-0,940 (0,742)	-1,078 (0,748)	-1,045 (0,746)
R ² ajustado	0,074	0,077	0,095	0,098	0,098
Observações	5.778	5.753	5.744	5.744	5.726

Nota: Significante a: 1% - ***; 5% - **; 10% - *.

TABELA A.4

**Estigma e a probabilidade de alguém na família ficar empregado –
entre 16 e 60 anos**

	Empregado1 Coeficiente/ erro-padrão	Empregado2 Coeficiente/ erro-padrão	Empregado3 Coeficiente/ erro-padrão	Empregado4 Coeficiente/ erro-padrão	Empregado5 Coeficiente/ erro-padrão
Stigma	-0,001 (0,096)	0,010 (0,097)	0,110 (0,101)	0,114 (0,102)	0,118 (0,102)
Cor branca	-0,361*** (0,122)	-0,321*** (0,123)	-0,236* (0,125)	-0,298** (0,127)	-0,298** (0,127)
Cor negra	-0,591*** (0,132)	-0,599*** (0,133)	-0,501*** (0,134)	-0,552*** (0,135)	-0,551*** (0,135)
Cor amarela	0,089 (0,183)	0,075 (0,183)	0,171 (0,184)	0,143 (0,185)	0,143 (0,185)
Cor parda	-0,432*** (0,122)	-0,415*** (0,123)	-0,304** (0,125)	-0,358*** (0,125)	-0,356*** (0,125)
Idade	-0,005 (0,019)	-0,002 (0,019)	-0,004 (0,019)	-0,005 (0,019)	-0,004 (0,019)
Idade ao quadrado	0,000 (0,000)	0,000 (0,000)	0,000 (0,000)	0,000 (0,000)	0,000 (0,000)
Região Norte	0,173** (0,082)	0,121 (0,084)	-0,001 (0,088)	0,004 (0,088)	0,003 (0,088)
Região Nordeste	-0,248*** (0,077)	-0,299*** (0,078)	-0,391*** (0,081)	-0,387*** (0,081)	-0,388*** (0,081)
Região Sudeste	-0,123 (0,084)	-0,151* (0,084)	-0,228*** (0,087)	-0,315*** (0,088)	-0,309*** (0,087)
Região Sul	0,336*** (0,080)	0,318*** (0,081)	0,226*** (0,085)	0,225*** (0,085)	0,230*** (0,085)
Sexo	0,038 (0,054)	0,041 (0,055)	0,042 (0,055)	0,033 (0,056)	0,033 (0,056)
Estuda	0,015 (0,092)	0,018 (0,093)	-0,013 (0,092)	-0,014 (0,093)	-0,016 (0,093)
Casado(a)/vive junto	0,191 (0,205)	0,200 (0,204)	0,169 (0,208)	0,155 (0,211)	0,156 (0,211)
Separado(a)/divorciado(a)	0,368* (0,219)	0,359 (0,219)	0,320 (0,224)	0,311 (0,227)	0,313 (0,227)
Solteiro(a)	0,503** (0,216)	0,533** (0,216)	0,492** (0,220)	0,437* (0,223)	0,440** (0,223)

(continua)

(continuação)

	Empregado1 Coeficiente/ erro-padrão	Empregado2 Coeficiente/ erro-padrão	Empregado3 Coeficiente/ erro-padrão	Empregado4 Coeficiente/ erro-padrão	Empregado5 Coeficiente/ erro-padrão
Estuda 1 a 4 anos	-0,088 (0,117)	-0,110 (0,118)	-0,082 (0,119)	-0,123 (0,120)	-0,121 (0,120)
Estuda 5 a 8 anos	-0,286** (0,117)	-0,288** (0,118)	-0,241** (0,119)	-0,287** (0,120)	-0,287** (0,120)
Estuda 8 a 13 anos	-0,487*** (0,123)	-0,469*** (0,124)	-0,374*** (0,126)	-0,429*** (0,128)	-0,427*** (0,128)
Valor da bolsa		0,007*** (0,001)	0,006*** (0,001)	0,006*** (0,001)	0,006*** (0,001)
Bolsa muito importante			4,599	4,618	4,621*** (0,453)
Bolsa importante			4,266	4,294	4,298*** (0,431)
Bolsa pouco importante			3,692	3,731	3,738*** (0,451)
Tratamento ao receber muito bom			4,355	4,315	4,316*** (0,404)
Tratamento ao receber bom			4,537	4,483	4,486*** (0,460)
Tratamento ao receber regular			4,382	4,386	4,387*** (0,440)
Tratamento ao receber ruim			5,339	5,208	5,217*** (0,505)
Renda				0,001*** (0,000)	0,001*** (0,000)
Pessimismo					-0,097 (0,225)
_cons	-0,884** (0,420)	-1,397*** (0,433)	-10,249	-10,426	-10,432
R ² ajustado	0,055	0,065	0,088	0,098	0,098
Observações	5.778	5.753	5.732	5.732	5.714

Nota: Significante a: 1% - ***; 5% - **; 10% - *.

TABELA A.5

Estigma e a procura por emprego entre desempregados – entre 16 e 60 anos

	Procura1 Coeficiente/ erro-padrão	Procura2 Coeficiente/ erro-padrão	Procura3 Coeficiente/ erro-padrão	Procura4 Coeficiente/ erro-padrão	Procura5 Coeficiente/ erro-padrão
Stigma	0,177 (0,165)	0,186 (0,167)	0,105 (0,174)	0,124 (0,174)	0,132 (0,176)
Cor branca	0,686*** (0,160)	0,686*** (0,160)	0,585*** (0,165)	0,619*** (0,167)	0,628*** (0,168)
Cor negra	0,302* (0,168)	0,298* (0,169)	0,301* (0,171)	0,306* (0,171)	0,334* (0,173)
Cor amarela	-0,143 (0,278)	-0,144 (0,278)	-0,165 (0,286)	-0,134 (0,287)	-0,135 (0,288)
Cor parda	0,484*** (0,159)	0,485*** (0,159)	0,475*** (0,162)	0,496*** (0,163)	0,519*** (0,165)
Idade	0,090*** (0,028)	0,092*** (0,028)	0,074** (0,030)	0,085*** (0,029)	0,080*** (0,030)
Idade ao quadrado	-0,001*** (0,000)	-0,001*** (0,000)	-0,001*** (0,000)	-0,001*** (0,000)	-0,001*** (0,000)
Região Norte	-0,022 (0,151)	-0,034 (0,153)	0,016 (0,159)	0,014 (0,158)	-0,007 (0,159)
Região Nordeste	0,021 (0,140)	0,018 (0,141)	-0,007 (0,146)	-0,025 (0,146)	-0,017 (0,146)
Região Sudeste	-0,093 (0,157)	-0,094 (0,158)	0,029 (0,162)	0,072 (0,164)	0,114 (0,165)
Região Sul	-0,142 (0,157)	-0,120 (0,158)	-0,011 (0,165)	-0,002 (0,165)	0,020 (0,165)
Sexo	0,124 (0,088)	0,121 (0,088)	0,175* (0,092)	0,172* (0,090)	0,208** (0,093)
Estuda	0,150 (0,117)	0,165 (0,118)	0,117 (0,120)	0,119 (0,120)	0,121 (0,121)
Estuda 1 a 4 anos	0,137 (0,185)	0,131 (0,185)	0,146 (0,188)	0,159 (0,188)	0,199 (0,189)
Estuda 5 a 8 anos	0,299 (0,185)	0,297 (0,185)	0,309 (0,189)	0,322* (0,188)	0,335* (0,189)
Estuda 8 a 13 anos	0,556*** (0,191)	0,566*** (0,191)	0,581*** (0,195)	0,591*** (0,194)	0,628*** (0,196)

(continua)

(continuação)

	Procura1 Coeficiente/ erro-padrão	Procura2 Coeficiente/ erro-padrão	Procura3 Coeficiente/ erro-padrão	Procura4 Coeficiente/ erro-padrão	Procura5 Coeficiente/ erro-padrão
Valor da bolsa		0,000 (0,002)	0,000 (0,002)	0,000 (0,002)	0,000 (0,002)
Casado(a)/vive junto			-0,241 (0,365)		-0,255 (0,375)
Separado(a)/divorciado(a)			-0,182 (0,383)		-0,177 (0,393)
Solteiro(a)			-0,356 (0,377)		-0,335 (0,388)
Bolsa muito importante			-0,176 (0,566)	-0,172 (0,566)	-0,137 (0,569)
Bolsa importante			-0,301 (0,566)	-0,303 (0,565)	-0,252 (0,569)
Bolsa pouco importante			0,008 (0,654)	0,049 (0,654)	0,069 (0,657)
Tratamento ao receber muito bom			-0,782 (0,685)	-0,762 (0,683)	-0,756 (0,665)
Tratamento ao receber bom			-0,989 (0,678)	-0,961 (0,676)	-0,932 (0,658)
Tratamento ao receber regular			-0,299 (0,687)	-0,311 (0,685)	-0,295 (0,667)
Tratamento ao receber ruim			-0,779 (0,787)	-0,728 (0,789)	-0,521 (0,804)
Tratamento ao receber muito ruim			-1,232 (1,009)	-0,990 (1,017)	-0,474 (1,022)
Renda				-0,000* (0,000)	-0,000* (0,000)
Pessimismo					-0,593*** (0,197)
_cons	-1,958*** (0,506)	-2,023*** (0,525)	-0,307 (1,073)	-0,675 (0,999)	-0,394 (1,067)
R ² ajustado	0,055	0,056	0,085	0,087	0,094
Observações	1.310	1.305	1.302	1.302	1.300

Nota: Significante a: 1% - ***; 5% - **; 10% - *.

TABELA A.6

Estigma e assiduidade escolar – entre 7 e 14 anos

	Assiduidade1 Coeficiente/ erro-padrão	Assiduidade2 Coeficiente/ erro-padrão	Assiduidade3 Coeficiente/ erro-padrão	Assiduidade4 Coeficiente/ erro-padrão	Assiduidade5 Coeficiente/ erro-padrão
Stigma	0,118*** (0,037)	0,112*** (0,037)	0,090** (0,037)	0,090** (0,038)	0,079** (0,038)
Cor branca	0,038 (0,060)	0,032 (0,060)	0,033 (0,063)	0,038 (0,064)	0,038 (0,064)
Cor negra	0,024 (0,062)	0,020 (0,062)	0,012 (0,065)	0,016 (0,065)	0,014 (0,065)
Cor amarela	0,035 (0,095)	0,043 (0,095)	0,044 (0,100)	0,047 (0,100)	0,046 (0,100)
Cor parda	0,065 (0,057)	0,060 (0,057)	0,057 (0,060)	0,061 (0,061)	0,065 (0,061)
Idade	-0,048 (0,066)	-0,053 (0,067)	-0,048 (0,067)	-0,052 (0,068)	-0,053 (0,068)
Idade ao quadrado	0,002 (0,003)	0,003 (0,003)	0,002 (0,003)	0,003 (0,003)	0,002 (0,003)
Região Norte	-0,172*** (0,036)	-0,161*** (0,037)	-0,139*** (0,039)	-0,140*** (0,039)	-0,133*** (0,040)
Região Nordeste	-0,026 (0,023)	-0,017 (0,023)	-0,000 (0,026)	-0,001 (0,026)	0,005 (0,026)
Região Sudeste	-0,211*** (0,040)	-0,208*** (0,039)	-0,187*** (0,038)	-0,182*** (0,038)	-0,166*** (0,039)
Região Sul	-0,164*** (0,034)	-0,165*** (0,034)	-0,146*** (0,036)	-0,146*** (0,036)	-0,133*** (0,036)
Sexo	-0,048* (0,027)	-0,046* (0,027)	-0,043 (0,027)	-0,043 (0,027)	-0,043 (0,027)
Valor da bolsa		-0,001* (0,001)	-0,001 (0,001)	-0,001 (0,001)	-0,001 (0,001)
Bolsa muito importante			0,167 (0,262)	0,165 (0,263)	0,171 (0,260)
Bolsa importante			0,180 (0,261)	0,178 (0,262)	0,184 (0,260)
Bolsa pouco importante			0,255 (0,262)	0,255 (0,263)	0,286 (0,261)

(continua)

(continuação)

	Assiduidade1 Coeficiente/ erro-padrão	Assiduidade2 Coeficiente/ erro-padrão	Assiduidade3 Coeficiente/ erro-padrão	Assiduidade4 Coeficiente/ erro-padrão	Assiduidade5 Coeficiente/ erro-padrão
Bolsa sem importância			0,471* (0,266)	0,466* (0,267)	0,498* (0,265)
Tratamento ao receber muito bom			-0,260*** (0,042)	-0,259*** (0,042)	-0,236*** (0,044)
Tratamento ao receber bom			-0,328*** (0,043)	-0,327*** (0,043)	-0,304*** (0,045)
Tratamento ao receber regular			-0,281*** (0,049)	-0,282*** (0,049)	-0,257*** (0,050)
Tratamento ao receber ruim			-0,146*** (0,047)	-0,136*** (0,048)	-0,101** (0,050)
Tratamento ao receber muito ruim			-0,098** (0,044)	-0,062 (0,073)	0,155 (0,151)
Renda				-0,000 (0,000)	-0,000 (0,000)
Estuda					<i>(dropped)</i>
Casado(a)/vive junto					<i>(dropped)</i>
Separado(a)/divorciado(a)					<i>(dropped)</i>
Solteiro(a)					<i>(dropped)</i>
Estuda 1 a 4 anos					-0,059 (0,046)
Estuda 5 a 8 anos					<i>(dropped)</i>
Estuda 8 a 13 anos					<i>(dropped)</i>
Pessimismo					-0,276** (0,122)
_cons	5,124*** (0,350)	5,215*** (0,353)	5,305*** (0,441)	5,349*** (0,456)	5,415*** (0,454)
R ² ajustado	0,022	0,023	0,024	0,024	0,029
Observações	2.738	2.726	2.726	2.726	2.720

Nota: Significante a: 1% - ***; 5% - **; 10% - *.

TABELA A.7

Estigma e escolaridade – entre 7 e 14 anos

	Escolaridade1	Escolaridade2	Escolaridade3	Escolaridade4	Escolaridade5
	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão	Coefficiente/ erro-padrão
Stigma	0,148*** (0,056)	0,122** (0,056)	0,122** (0,058)	0,120** (0,058)	0,107* (0,059)
Cor branca	0,327** (0,142)	0,304** (0,143)	0,303** (0,142)	0,286** (0,143)	0,304** (0,143)
Cor negra	0,306** (0,145)	0,290** (0,146)	0,286** (0,146)	0,272* (0,146)	0,301** (0,146)
Cor amarela	0,195 (0,188)	0,227 (0,189)	0,226 (0,190)	0,216 (0,190)	0,226 (0,190)
Cor parda	0,302** (0,139)	0,285** (0,140)	0,285** (0,140)	0,271* (0,140)	0,290** (0,140)
Idade	1,402*** (0,100)	1,385*** (0,100)	1,382*** (0,100)	1,394*** (0,101)	1,379*** (0,099)
Idade ao quadrado	-0,029*** (0,005)	-0,028*** (0,005)	-0,028*** (0,005)	-0,029*** (0,005)	-0,028*** (0,005)
Região Norte	-0,513*** (0,058)	-0,472*** (0,058)	-0,458*** (0,061)	-0,457*** (0,061)	-0,445*** (0,060)
Região Nordeste	-0,079* (0,045)	-0,041 (0,045)	-0,025 (0,046)	-0,023 (0,046)	-0,023 (0,046)
Região Sudeste	-0,218*** (0,047)	-0,208*** (0,046)	-0,184*** (0,048)	-0,203*** (0,049)	-0,174*** (0,048)
Região Sul	-0,095* (0,050)	-0,090* (0,050)	-0,073 (0,052)	-0,075 (0,052)	-0,056 (0,051)
Sexo	-0,175*** (0,040)	-0,172*** (0,040)	-0,175*** (0,040)	-0,175*** (0,040)	-0,179*** (0,040)
Estuda		-0,004*** (0,001)	-0,003*** (0,001)	-0,003*** (0,001)	-0,003*** (0,001)
Estuda 1 a 4 anos			-0,136 (0,100)	-0,129 (0,100)	-0,110 (0,103)
Estuda 5 a 8 anos			-0,116 (0,100)	-0,109 (0,099)	-0,099 (0,102)
Estuda 8 a 13 anos			-0,354** (0,146)	-0,355** (0,145)	-0,299** (0,152)

(continua)

(continuação)

	Escolaridade1 Coeficiente/ erro-padrão	Escolaridade2 Coeficiente/ erro-padrão	Escolaridade3 Coeficiente/ erro-padrão	Escolaridade4 Coeficiente/ erro-padrão	Escolaridade5 Coeficiente/ erro-padrão
Valor da bolsa			-0,411 (0,314)	-0,394 (0,310)	-0,368 (0,266)
Casado(a)/vive junto			-0,520* (0,272)	-0,523* (0,271)	-0,485* (0,273)
Separado(a)/divorciado(a)			-0,579** (0,270)	-0,585** (0,269)	-0,544** (0,272)
Solteiro(a)			-0,518* (0,275)	-0,514* (0,274)	-0,459* (0,277)
Bolsa muito importante			-0,233 (0,315)	-0,267 (0,314)	-0,212 (0,310)
Bolsa importante			-0,986*** (0,310)	-1,106*** (0,335)	-0,816*** (0,316)
Bolsa pouco importante				0,000* (0,000)	0,000* (0,000)
Tratamento ao receber muito bom					0,820*** (0,219)
Tratamento ao receber bom					(<i>dropped</i>)
Tratamento ao receber regular					(<i>dropped</i>)
Tratamento ao receber ruim					(<i>dropped</i>)
Tratamento ao receber muito ruim					-0,375** (0,167)
Renda	-7,576*** (0,476)	-7,236*** (0,485)	-6,562*** (0,569)	-6,706*** (0,575)	-7,519*** (0,609)
Pessimismo	0,783 2.785	0,784 2.773	0,785 2.773	0,785 2.773	0,789 2.767
_cons					
R ² ajustado					-0,193*
Observações					(0,113)
Significante a: 1% - ***; 5% - **, 10% - *;	-7,576*** (0,476)	-7,236*** (0,485)	-6,562*** (0,569)	-6,706*** (0,575)	-8,807*** (0,516)
R ² ajustado	0,783	0,784	0,785	0,785	0,863
Observações	2.785	2.773	2.773	2.773	2.767

Nota: 1% - ***; 5% - **, 10% - *.

